

# QUANDO O RECIFE SONHAVA EM SER PARIS: A MUDANÇA DE HÁBITOS DAS CLASSES DOMINANTES DURANTE O SÉCULO XIX

*Sandro Vasconcelos da Silva<sup>1</sup>*

Ao nos debruçarmos sobre a história de alguns centros urbanos geralmente podemos observar entre alguns deles uma característica em comum: são considerados como locais onde ocorrem as mudanças, o progresso e o desenvolvimento material e cultural. Tais ambientes alimentam aquilo que pode ser considerado como uma das principais características da modernidade: a inovação. Essa ideia/ desejo difunde-se amplamente em alguns elementos das classes dominantes que habitam nesses locais. Essas pessoas são, na maioria das vezes, responsáveis pela criação e perpetuação das novas formas de se viver a cidade, suprimindo, modificando e desclassificando usos e costumes considerados ultrapassados. No caso do Recife do início do século XIX, alguns elementos das classes dominantes encantaram-se pelos hábitos urbanos parisienses que eram considerados na época como o exemplo máximo da civilidade.

Nesse contexto de transformação, a paisagem urbana talvez seja o maior exemplo das mudanças ocorridas, pois o nascimento e consolidação de novos hábitos subsistem em um espaço que os dê sentido e que estimule a sua realização. Essas mudanças também são responsáveis pelo desaparecimento ou criação de espaços que suprimem ou originam territorialidades, estas podendo ser compreendidas através de uma ordem de subjetividade individual e coletiva que possibilita aos grupos imersos nessa conjuntura, articulações de resistência em relação à homogeneidade imposta pela ordem social e a política dominante<sup>2</sup>. Essa tentativa de ordenação do ambiente urbano sugere uma normatização do espaço público que além de uma forma de controle social, também funcionaria como um dos elementos essenciais para o estabelecimento da ideia de “*sociedades civilizadas*”.

O século XIX pode ser considerado o apogeu da ideia de civilização moderna com a cientificização das sociedades, sobretudo a europeia. Cidades como Londres e Paris despontavam como exemplos a serem seguidos pelas demais capitais do mundo ocidental, devido aos avanços nos campos científico, tecnológico, social, cultural e político. No caso do Brasil, os primeiros sinais dessa transformação no âmbito da estrutura urbana ocorreram com o Rio de Janeiro, com chegada da Família Real, reverberando pelas principais cidades brasileiras ao longo dos oitocentos. Aspirações de ordem, progresso e civilização conduziram os desejos das classes dominantes brasileiras para criação de uma nova sociedade, ganhando força no período do segundo reinado com a intensificação das inovações materiais visando a modernização da estrutura citadina e consecutivamente a normatização e o refinamento do comportamento de seus habitantes, sobretudo das classes dominantes.

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Responsável pelo Núcleo de Pesquisas José Antonio Gonsalves de Mello, do Museu da Cidade do Recife. E-Mail: <sanohman@yahoo.com.br>.

<sup>2</sup> Cf. HAESBAERT, Rogério. *Territórios alternativos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

Logo, a incipiente intelectualidade, as lideranças políticas e econômicas brasileiras deram início as tentativas de recuperação do “atraso” causado pelo período no qual o país esteve sob o jugo de Portugal, absorvendo e praticando hábitos franceses e ingleses. Para estes, os séculos anteriores representaram um verdadeiro isolamento do resto do mundo, sendo assim seria inevitável a busca do tempo perdido, pois “o Brasil como colônia, no seu longo isolamento do fluxo da cultura ocidental, transformara-se numa espécie de ilha cercada de bugres e escravos por todos os lados. (...) O Brasil era bárbaro!”<sup>3</sup>. Com a adoção dos novos hábitos estrangeiros, foram novas modalidades de discursos, de comportamentos, de vestuários, etc., foram incorporadas ao cotidiano urbano abalizando uma divisão maior entre o espaço público e o privado, onde o primeiro destes deveria passar por um processo de “educação” normatizando-se seus usos e comportamentos, e o segundo funcionaria como berço para o desenvolvimento de uma sociedade “civilizada”.

Para isso foram elaborados princípios para uma ordem pública que segundo o entendimento da época, originaria uma sociedade organizada em plena interação com os padrões que estavam sendo importados; esses princípios foram adequados preparando um terreno para a transição entre uma época que estava em via de desaparecimento (permeadas de hábitos coloniais considerados agora como “selvagens”) e outra marcada pela inovação (impulsionada pelo refinamento dos costumes) tentando com isso, forçar essas modalidades a terem significado dentro de novas condições<sup>4</sup>. Essas transformações começaram a surgir na cidade do Recife ainda no alvorecer dos oitocentos, não só pela influência exercida pela Corte estabelecida no Rio de Janeiro, mas também e principalmente pelo convívio constante entre estrangeiros<sup>5</sup> (ingleses e franceses, entre outros) e os comerciantes locais, os políticos, os senhores de engenho etc., levando alguns desses componentes das classes dominantes a se confrontarem com uma realidade sociocultural diferente desencadeando nesse grupo uma busca pela adequação e equiparação ao novo contexto social europeu baseado na sociedade parisiense e seus conceitos de civilização e modernidade. Aos poucos um novo estilo de vida, baseado nas elites cultas passou a ser aceito, pois era considerado como um elo perfeito que uniria a estrutura oligárquica local à modernidade europeia, assumindo um aspecto de continuidade natural, preservando o mais importante para essas pessoas: as estruturas de poder.

No entanto, vale lembrar que essa transição desses comportamentos não se deu de forma homogênea, rápida e ampla, e que mesmo dentro das classes dominantes almejantes e promotoras das mudanças, havia sinais de resistência aos novos hábitos, um exemplo de que certos aspectos da estrutura social permaneciam resistentes ao processo de modernização da sociedade era a escravidão, uma verdadeira anomalia dentro do entendimento de sociedade moderna naquela época. Tal entrave a uma ampla e irrestrita aceitação dos “costumes modernos” talvez tenha a ver com o fato

<sup>3</sup> PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002, p. 24.

<sup>4</sup> SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 33.

<sup>5</sup> A cidade se destacava no cenário econômico-político brasileiro devido às atividades econômicas do seu porto que também incentivou o crescimento do corpo urbano de forma rápida e sem planejamento, sobretudo a partir da década de 1830.

de que a sociedade recifense das primeiras décadas dos oitocentos apresentava um modo barroco de ser, ou seja, embora desejante por certas mudanças, ainda estavam fortemente ligada a valores do passado e permeada pela reserva, cultuando costumes que eram considerados pelos estrangeiros como pitorescos, despertando nestes, as mais diferentes impressões. A própria estrutura da cidade refletia esse aspecto “barroco”, sendo motivo de divergências de opiniões, que ora despertava elogios pela sua beleza natural, ora era alvo de duras críticas pela sua falta de ordenação, como podemos observar nesses dois comentários, o primeiro da inglesa Maria Graham, que visitou Pernambuco em 1821:

*É uma localidade singular, adequada para o comércio. Fica em diversos bancos de areia, separados por angras de água salgada e pela foz de dois rios de água doce, ligados por três pontes e divididos em igual número de bairros: Recife, acertadamente chamado, onde estão as fortificações, o arsenal e o comércio; Santo Antonio, onde estão o palácio do Governo, e duas igrejas principais, uma para os brancos e outra para os pretos; e Boa Vista, onde moram os comerciantes mais ricos, ou os habitantes mais desocupados, entre o seus jardins e onde os conventos, as igrejas e o palácio do bispo dão um ar de importância às habitações muito elegantes em torno deles. (...) Ficamos assaz surpreendidos com a beleza da paisagem. As construções são bastante largas e brancas, a terra baixa e arenosa, salpicada de tufos verdes de vegetação e ornada de palmeiras.<sup>6</sup>*

E o segundo do francês Louis Tollenare residiu no Recife entre os anos de 1816-1817, a percepção acerca do que via se mostrava outra:

*O bairro da península, ou o Recife propriamente dito é o mais antigo e movimentado, e também o mais mal edificado e o menos asseado (...) A ilha de Santo Antonio, à qual dá acesso uma ponte arruinada (...) tem ruas um pouco mais largas do que as do Recife. Encontra-se ali uma praça quadrada, onde estão construindo um mercado coberto (...) Este bairro é habitado por muitos brasileiros brancos natos, e mulatos e negros livres. (...) Quando se lança um olhar as casas baixas de Santo Antonio e Boa Vista, vê-se mulheres brasileiras seminuas, acoradas ou deitadas sobre esteiras. Estas mulheres quase nada deixam a desejar à curiosidade libertina.<sup>7</sup>*

Durante as primeiras três décadas do século XIX pouco havia sido feito no sentido de urbanizar o Recife que sofria com diversos problemas administrativos e

<sup>6</sup> GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1990, p. 129-130.

<sup>7</sup> TOLLENARE, L. F. *Notas dominicais*. Recife: Governo do Estado de Pernambuco/ Secretaria de Educação e Cultura, 1978, p. 20-22.

estruturais<sup>8</sup>. Sem contar que o espaço físico era muito escasso o que fazia a cidade crescer estrangulada por entre rios, mar e pântanos. O espaço para construir era disputado por uma crescente população geradora de uma camada pobre considerada pelos ricos da época como “perigosa” e “problemática”, pois estes eram comumente aliados às fileiras dos movimentos revoltosos ao longo dos oitocentos<sup>9</sup>, e isso fazia com que fossem considerados uma verdadeira ameaça aos planos de “civilização”.

Numa tentativa de amenizar essa situação de conflito foi estipulado um código que determinava o uso dos espaços públicos e privados, visando manter a parcela “perigosa” sob controle e longe do contato com as “famílias de bem”. Instituído pela Câmara Municipal, esse conjunto de normas eram conhecidas por Posturas que por si só não se faziam valer, era necessário para sua execução um mecanismo de força repressora e isso ficou a cargo do corpo policial. Dentro desse universo de proibições foram criados regulamentos para os mais variados assuntos: o horário de permanência na rua, proibições aos batuques dos escravos, ao ajuntamento de pessoas em tavernas, brigas entre vizinhos, uso de espaços como pontes, chafarizes, jardins públicos, etc.

Os pobres, libertos e escravos viviam sob constante vigilância, eram os alvos favoritos das proibições estipuladas pelas Posturas, ao contrário dos ricos – quase invisíveis na documentação policial da época – pois era justamente para esses que a cidade estava sendo modernizada com espaços de sociabilidade que oferecem tanto diversão como desenvolvimento cultural (praças, passeios públicos, teatros, restaurantes, cafés, clubes etc.). A organização dos espaços passava pelo crivo dos interesses da classe burguesa<sup>10</sup> que tentava se civilizar

*A manutenção de espaços de referência que um dia forjaram uma determinada identidade territorial, além da potencialidade que manifesta para congregação de interesses locais ou regionais de resistência a processos que se pretendem homogeneizantes, pode ser também, entretanto, uma garantia pra manter a ordem político-econômica instituída.*<sup>11</sup>

As ações de modificação da estrutura urbana começaram em fins da década de 1830 e no início da seguinte<sup>12</sup>, com a criação da Repartição das Obras Públicas (ROP), cujos projetos começaram a ser postos em prática, chegando ao seu ápice em

<sup>8</sup> A sujeira encontrada em logradouros públicos foi por muito tempo um dos principais problemas da cidade; ruas e passagens sem o devido calçamento, construções irregulares e insalubres, falta de saneamento, etc.

<sup>9</sup> A Revolução de 1817; a Confederação do Equador (1824); a Setembrizada (1831); a Novembrada (1831); a Abrilada (1832); a Guerra dos Cabanos (1833-1836) e posteriormente a Revolução Praieira (1848-1850).

<sup>10</sup> Geralmente comerciantes bem estabelecidos e/ou ascensão, produtores agrícolas, políticos, médicos, etc.

<sup>11</sup> HAESBAERT, *Territórios alternativos*, p. 86.

<sup>12</sup> Sob a liderança de Francisco do Rego Barros que assumiu o cargo de presidente da província de Pernambuco de 1837 a 1844. Nesse período, decidido a modernizar e higienizar a capital pernambucana mandou buscar engenheiros franceses de renome para remodelação urbana adequando-se aos novos padrões vigentes, incentivou as artes e as ciências, elevando o Recife ao conceito das grandes cidades modernas da época.

meados da década de 1850<sup>13</sup>. Vale lembrar que ainda eram muitos os entraves para o desenvolvimento das obras públicas, entre eles: os já mencionados movimentos revoltosos; cofres públicos em baixa e a falta de mão-de-obra especializada para atender às novas demandas. Mesmo assim, uma cidade com ares modernos começou a surgir, a princípio planejada sob o comando de Louis Léger Vauthier – nomeado para o cargo de engenheiro chefe da R.O.P. em 1840 e posteriormente por engenheiros do porte de José Mamede Alves Ferreira, que assumiu o mesmo cargo na década de 1850, entre outros.

Com a R. O. P. amplos estudos e projetos foram realizados sobre as principais vias de transporte, a salubridade, a estrutura das moradias, a implantação de iluminação pública, abastecimento de água, obras de aterro para obtenção de espaço. Nesse período difundiam-se rapidamente os modelos franceses, ou seja, a influência de Paris era tão grande no cotidiano recifense que a numeração dos logradouros passou a ser a mesma utilizada na capital francesa, como podemos observar nesse fragmento da portaria datada de 20 de julho de 1839, na qual o Presidente da Província Francisco do Rego Barros determinava:

*(...) Todas as casas de cada rua, travessa, beco, etc. da Cidade serão numeradas, principiando supra do Norte para o Sul e do Leste para o Oeste, do lado direito com os números pares, e do esquerdo com os ímpares, de modo que fiquem os números na ordem seguinte, 1, 3, 5, 7, 9, etc. 2, 4, 6, 8, 10, assim por diante.*<sup>14</sup>

No decorrer dos oitocentos, o choque entre uma cultura normativa que tentava se estabelecer e os antigos hábitos já consolidados geraram vários embates, onde o resultado poderia ir desde a subjugação, da eliminação ou do fortalecimento tanto de um como de outro, as classes mais elevadas continuava a busca pelo refinamento, enquanto que as classes mais baixas resistiam. A principal barreira de distinção encontrava-se no campo financeiro, pois com a chegada das ideias de progresso e modernização, também chegaram produtos que simbolizavam esses ideais que eram oferecidos a uma parcela restrita dessa sociedade com poder aquisitivo suficiente para obtê-los. O consumo em excesso foi uma característica marcante desse processo, mostrar através do mobiliário, das roupas, dos serviços que se dispunham era um atestado que as pessoas que poderiam pagar por eles mais do que ricas,

<sup>13</sup> A partir da década de 1840 a capital era constituída pelas Freguesias de São Frei Pedro Gonçalves, localidade que deu origem ao Recife, porta de entrada da província, zona portuária e boemia; a de Santo Antonio, local onde se encontrava a sede administrativa e os principais prédios públicos, igrejas e locais de diversão; a de São José, apinhada de casas e sobrados, mal ordenada espacialmente, local que oferecia moradia barata; e por fim a da Boa Vista, essencialmente residencial, com amplos sítios e com farta vegetação.

<sup>14</sup> BARROS, Francisco do Rego. *Portaria decretando a numeração e sinalização dos logradouros públicos*. Recife, 20 jul. 1839. APEJE, Coleção Portarias, vol. 01, p. 100-101. A numeração das casas seguia a mesma estipulada para a cidade de Paris em 1805, que determinava a disposição dos números, os pares ficariam do lado direito e os ímpares do lado esquerdo, tomando como princípio as construções que começavam a partir da ponte de Notre Dame. No caso do Recife, o referencial partia da ponte que ligava as freguesias de São Frei Pedro Gonçalves (região do porto) e Santo Antonio. Cf. COSTA, F. A. Pereira da. *Anais Pernambucanos* - vol. 7. Recife: FUNDARPE, 1983, p. 235-236.



eram pessoas “*modernas*”. A aparência vai reinar absoluta ao passo os costumes estrangeiros penetraram no cotidiano levando a classe burguesa a inserir em sua vivência os *bons costumes*, conjunto de normas comportamentais que funcionavam principalmente como barreira de admissão entre as esferas sociais, onde o desrespeito a essas normas além de representar uma falta inaceitável, também seria passível de uma punição representada muitas vezes pelo isolamento do convívio nos círculos considerados como “*civilizados*”.

Mesmo com certa resistência aos novos comportamentos, rapidamente os modos e modas importados foram seduzindo uma parcela da alta sociedade recifense oitocentista que passou a atuar numa espécie de jogo, onde cada elemento movia-se de acordo com os papéis pré-estabelecidos aos homens e as mulheres, determinando sua atuação tanto no ambiente público como no privado, a parcela masculina caberia o ar austero e polido e a feminina o recato e a delicadeza. A ideia aceita na época era que, em tese, esses dois ambientes (público e privado) deveriam permanecer separados, sendo que o homem pertencia a rua, e a mulher, a casa. Nesse ritmo de mudanças as estruturas das moradias burguesas passaram por modificações proporcionando um local mais seguro, higiênico e confortável, longe dos malefícios que poderiam encontrados na rua.

Por mais que se tentasse levantar barreiras, estas, de certa forma, eram transpostas mais comumente do que se pensava na época, um bom exemplo disso é uma maior e mais permanente presença feminina nos locais públicos. Isso se deu a partir da segunda metade dos oitocentos com a popularização dos passeios, das visitas, dos bailes, das festas, e tantos outros eventos ocorridos clubes, salões e teatros. Outro fator que contribuiu para estimular os passeios, inclusive a localidades distantes da cidade foi a sistematização dos meios de transporte. O comércio e outros serviços como os de entretenimento também animavam as saídas de casa, mas só em horários e ocasiões especiais. Para o aconchego do lar eram reservadas atividades mais reservadas, como por exemplo, jantares, encontros, saraus, etc., organizados num ambiente muitas vezes aconchegante, rico e normatizado, preparados para uma plateia previamente selecionada.

De um modo geral, as classes dominantes da época acreditavam que a materialização de certos elementos considerados como essenciais para seu desenvolvimento cultural como teatros, bibliotecas, salões de baile (e demais espaços que estimulassem a cultura), associados aos esforços de planejamento e normatização do espaço citadino; o acolhimento de normas sociais europeias no intuito de normatizar as atuações dos indivíduos tanto na esfera pública como na privada, utilizando-se do refinamento dos costumes, entre outros – levaria ao encontro do caminho para o progresso. Mais uma vez a rua contribuiu como um importante elemento no processo de transformação nos hábitos urbanos. Pois, era nesse espaço que poder-se-ia encontrar e ter acesso aquilo que Adrian Forty nomeou de “*objetos de desejo*”<sup>15</sup>, ou seja, artefatos que materializavam o ideal de modernidade.

Voltando às mudanças ocorridas na cidade, a partir da década de 1850, o Recife pretendia ser uma réplica de Paris. A modernização nas formas de construir, associada aos novos conceitos arquitetônicos se traduzia em moradias modernas

<sup>15</sup> Sobre o surgimento de certos utensílios domésticos, decorativos, mobília, etc. Cf. FORTY, Adrian. *Objetos de desejo: design e sociedade desde 1750*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

onde se aprimoravam com isso as ideias de intimidade, pudor, higiene; em certo nível a casa abria alguns de seus espaços antes reclusos para exibição de alguns aspectos da privada. Seguindo o exemplo da cidade e da casa, os objetos domésticos vão ser incorporados a essa estética de civilidade conferindo aos seus donos o status de civilizados. No esforço para elaborar e executar um processo civilizatório, as classes dominantes recifenses vão atribuir a imagem, a máxima importância distintiva, ou seja, através da impressão captada pelo olhar, seja em objetos, na forma de vestir, como se expressava ou falava, etc., era atribuída a categoria de requintado. A burguesia recifense se esforçava para educar-se buscando, por meio das regras da polidez, ser capaz “*de revelar aos olhos estrangeiros o estado social e político de (sua) sociedade*”<sup>16</sup>. O antigo modo barroco de viver repleto de reserva, agora era substituído pela exibição pública comedida, a sofisticação da aparência e a normatização dos sentidos. Uma nova sociedade emergiu, transformando-se tal qual a cidade.

A partir da segunda metade do século XIX o Recife apresentava uma melhoria em sua estrutura<sup>17</sup>, as formas de se viver a cidade estavam se modificando o que fez aparecer dois personagens urbanos, exemplo de comportamento cosmopolita para época: o *gamenho* figura muito popular no meio masculino da época, romântico por natureza vestia-se à última moda francesa: botins de lustro, calças justas, gravata de gorgorão, sobrecasaca, bengala e trancelim na algibeira donde pendia um pequeno relógio. Ficava à espreita nas esquinas ou ao pé dos muros namorando as moças que se aventurassem nas janelas, nos bailes galanteava as moças, sempre gentil não perdia o ensejo de ajudá-las a descer dos bondes ou de acompanhá-las ao passeio, verdadeiro terror dos pais austeros; já seu correspondente feminino, a *gamenha*, passava horas se preparando elegantemente para os bailes, seus rostos escondidos pelos finos leques deixavam de fora apenas os olhos que lançavam flertes e sinais de gentileza provocante. De dia jogava bisca e de noite dançava o galope, ia ao teatro, quando estudada, lia os periódicos e tocava piano, falava e gesticulava graciosamente, tinha apelidos como *Mimi*, *Lili* ou *Zazá*, e tratava os pais por *Mamá* e *Papá*. Arrochava a cintura em corpetes para adequar os longos vestidos pregueados de mangas bufantes, usava nos pés os borzequins, como adornos brincos em filigrana de ouro, lenços de seda e filó e para perfumar a elegante figura, gotas de essência de rosas. A aparência, assim como, a educação dos sentidos ditou as condutas sociais que tinha na linguagem da razão uma maior eficácia na imposição das suas regras, pois:

*À medida que as maneiras se refinam, tornam-se distintivas de uma superioridade: não é por acaso que o exemplo parece sempre vir de cima e, logo é retomado pelas camadas médias da sociedade, desejosas de ascender socialmente. Essa imitação é um dos grandes veículos da difusão das boas maneiras.*<sup>18</sup>

<sup>16</sup> HAROCHE, Claudine. *Da palavra ao gesto*. Campinas: Papyrus, 1998, p. 18.

<sup>17</sup> Dentre as melhorias, podemos citar a sistematização da iluminação pública, passeios públicos, teatros, sistema de transportes coletivos, etc.

<sup>18</sup> RIBEIRO, Renato Janine. *A etiqueta no Antigo Regime: do sangue a doce vida*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 19.

Um aspecto interessante a notar é como a parcela feminina vai ganhar espaço dentro dessa nova cidade que está surgindo, resguardada as devidas proporções, a partir da segunda metade dos oitocentos, as mulheres burguesas, passaram a ter hábitos mais arrojados se comparados a sua geração anterior. O belo sexo – como eram conhecidas as mulheres aristocratas - começou ter uma participação mais ativa tanto no cotidiano como na vida cultural da nova cidade como bem observou Antônio Pedro de Figueiredo, em sua coluna *A Carteira*, publicada no *Diário de Pernambuco* de 12 de janeiro de 1857:

*O belo sexo já vai participando dos progressos da civilização entre nós. Que diferença a este respeito entre Pernambuco de há vinte anos e o nosso Pernambuco! Ainda nessa época, tão pouco remota, a recepção de uma visita, principalmente do sexo masculino, dependia ordinariamente do homem chefe de família, por qualquer título que fosse. Graças à administração do Exmo. Barão da Boa Vista, a sociabilidade foi penetrando entre nós e, louvores a Deus, hoje já vai se estendendo a ação do belo sexo da sua influência secular nos negócios domésticos há uma muito legítima influência nas reuniões públicas.<sup>19</sup>*

A elitização da diversão pública também foi um dos principais agentes para a modernização dos hábitos. O espaço do teatro, por exemplo, era um dos mais importantes locais de sociabilidade, era nas dependências do Teatro de Santa Isabel que as famílias aristocratas encontraram o divertimento adequado: cantatas, óperas, peças e apresentações extraordinárias. Os encontros ocorridos em seu salão principal eram responsáveis por lançamentos de modas, flertes, encontros políticos, etc.

De uma forma mais resumida, tais encontros aconteciam nas residências, sobretudo com o advento da sala-de-estar ou de visitas; agora os novos domicílios, antes inacessíveis aos olhares curiosos, ambientes de reserva e descanso, ofereciam alguns de seus cômodos para abrigar uma plateia seleta, tornando-se o local ideal para demonstração dos novos modos. Nesse contexto nenhum outro instrumento trouxe maior status de sofisticação aos lares do que o piano. Popularizado nesse período, esse objeto permitia as pessoas da família, especialmente às moças, divertimento e ao mesmo tempo, a exibição dos seus talentos como concertistas. Nas festividades além do canto traziam-se, à baila literalmente, coreografias europeias (reproduzidas à risca ou adaptadas), entre elas as mais refinadas como: o *pas de deux* e o *pas de quatre*; assim como as populares *caxuxa*, *quadrilha*, *valsa* e *galope*<sup>20</sup>.

Um exemplo de como a diversão foi uma das responsáveis pela interiorização das sociabilidades no espaço que se tornou público nas casas, observemos uma cena

<sup>19</sup> MELLO, José Antonio Gonsalves de. *Diário de Pernambuco: economia, sociedade no 2º Reinado*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996, p. 432-433.

<sup>20</sup> Originários da França, tais passos de dança envolviam diferentes formações: o *pas de deux*, um casal; o *pas de quatre*, dois casais. Já a *caxuxa* ou *cachucha*, era uma dança popular espanhola de par solto, sapateada e acompanhada por castanholas. A *quadrilha*, por sua vez, também de origem francesa, envolvia quatro ou cinco pares e um dançarino avulso que dava orientação dos passos. A *valsa*, era uma dança vienense onde os pares se abraçavam firmemente e executavam rodopios. Por fim, o *galope* consistia numa dança marcada por batidas dos pés e desfile pelo salão, aos pares.



descrita por Lucilo Varejão em seu livro *De que morreu João Feital?*, romance que reporta alguns hábitos do final do século XIX ao comentar um baile feito em casa de um dos personagens centrais:

*Pelos cantos do salão, onde as cadeiras, agora, se arrimavam à parede, velhotas casadouras se abanicavam com risinhos de censura às toilettes alheias, numa algazarra de maitacas em bando.*

*As raparigas, essas estacionavam quase todas no quarto que abria para o salão, transformando neste dia, em vestiário; algumas, com exageros de atavios, davam-se mesmo a liberdade acenar aos derriços ocasionais, entre requiebro estudados e olhares de provocação, por trás dos leques.<sup>21</sup>*

Como podemos observar as pessoas relacionadas nessa narrativa ocupavam um espaço que antes representavam um espaço de reserva, local de maior intimidade (o quarto) agora, diante de uma situação diversa, esse cômodo servia como espaço de uso coletivo para aqueles que não faziam parte da família residente no local.

No campo da normatização dos sentidos, as tensões criadas através das exigências de civilidade contribuíram para uma maior divisão do entendimento acerca da atuação do indivíduo na esfera privada e na pública, reverberando não só na alta cultura da época como também nas esferas mundanas, o resultado disso: a proliferação dos manuais de conduta, livros com “regras de ouro” das relações sociais<sup>22</sup>. Os bons modos e a etiqueta serviram como demarcadores, separando o “selvagem” do “civilizado”. A ideia seria que ao conter os instintos brutais através dos bons modos, o controle de si levaria ao controle do grupo, gerando assim uma sociedade pacífica, ou seja, “os valores estéticos servem assim como fator de equilíbrio na sociedade, reduzindo a sua violência”<sup>23</sup>. Podemos especular que talvez essas pessoas, não simplesmente imitavam modos ou modas alheios, ao assumir uma nova postura social, elas deveriam realmente acreditar que poderiam desvencilhar-se da imagem selvagem e violenta adquirida em séculos anteriores. Dentre tantos tratados de civilidade, citamos o *Código do bom-tom*, do padre J. I. Roquete, publicado em 1845, onde:

*Termos como polidez, civilidade, cortesia e urbanidade, ganham as páginas da obra, introduzindo o leitor nas novidades desses conceitos e atitudes que, segundo o autor, constituem ‘um verdadeiro passaporte para entrar nas casas nobres e passar por cavalheiro bem-criado, tal qual se aprende nas salas de Paris’.<sup>24</sup>*

Além de educativo, o código também era normatizador, pois recomendava o controle absoluto de emoções e sentimentos considerados desnecessários e ainda

<sup>21</sup> VAREJÃO, Lucilo. “De que morreu João Feital?”. In: \_\_\_\_\_. *Romances recifenses*. 3. ed. Recife: Ed. do Organizador, 2006, p. 62 (grifo meu).

<sup>22</sup> SENNET, *O declínio do homem...*, p. 34.

<sup>23</sup> RIBEIRO, *A etiqueta no Antigo...*, p. 31.

<sup>24</sup> ROQUETTE, J. I. *Código do Bom-Tom ou Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. Organizado por Lília Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 21-22.

regulava as propriedades de ambos os sexos. Outro manual bastante utilizado pelas famílias abastadas recifenses na segunda metade dos oitocentos foi o periódico *O monitor das famílias*, endereçado ao belo sexo, recomendando atitudes “nobres e respeitáveis”.

Como observamos anteriormente, a aparência foi um dos principais recursos para consolidação da ideia de civilidade, sendo assim, a moda era utilizada como uma das principais formas de diferenciação social, pois “*através dela constantemente se resgatam critérios que distinguem as classes*”<sup>25</sup>. Percebamos que nos referimos a moda para além do vestuário, estabelecendo-se no forma de se expressar oralmente, de andar, de gesticular. Na criação de novos costumes a moda passou a ser um elemento decisivo, tanto que o termo “*costume*” poderia indicar um hábito determinante de comportamento de um grupo social, retendo a uma estrutura, um sistema de elementos relacionados entre si. Isso ocorre quando o desejo pela novidade, pelo requinte, pela elegância, etc. torna-se um valor, mudando feitos e tornando-se uma regra estável, um hábito e uma norma coletiva<sup>26</sup>.

Chamamos a atenção para o fato de que nem todos que faziam parte da classe dominante e intelectual estavam satisfeitos com essas mudanças, por exemplo, o conservador e sarcástico Lopes Gama, homem da religião, editor responsável do periódico *O Carapuceiro*, observava cuidadosamente os hábitos da época, assim como modas e os eventos sociais, e tecia comentários ácidos sobre eles, como podemos observar nesse fragmento do artigo de 07 de dezembro de 1843, intitulado “O nosso progresso”:

*Por meio desses viajeiros e desses doutoraços é que as doutrinas ímpias dos filosofantes da França pouco a pouco, se foram importando no Brasil (...) não se conheciam sociedades, partidas, bailes nem soirées, quadrilha só se conheciam as de ladrões, não se sabia o que era vis-à-vis, e passear um marmanjo com uma senhora pelo braço seria motivo para se por em conflagração um reino inteiro. (...) As moças eram góticas no que se mostravam versadas era nas graças (...) raras vezes saíam de casa (...) nunca falavam com um homem. (...) Hoje as senhoras de bom tom dormem todo o dia e velam todas as noites nos bailes, nas companhias, nos teatros, etc.*<sup>27</sup>

E ainda prossegue, criticando o afrancesamento dos hábitos:

*Nossos avós tinham certo ar, certo porte, certo caráter que os distinguia, mas hoje o que somos nós senão uns macacos da França? (...) As nossas sinhazinha e iaiás já não querem ser tratadas senão por demoiselles, mademoiselles e madames. Nos trajes, nos usos, nos modos, nas maneiras só aprova o que é francês, de sorte que já não temos uma*

<sup>25</sup> RIBEIRO, A *etiqueta no Antigo...*, p. 19-20.

<sup>26</sup> CALANCA, Daniela. *História social da moda*. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2008, p. 11-12.

<sup>27</sup> Apud MELLO, José Antonio Gonsalves de (org.). *O Diário de Pernambuco e a história social do Nordeste (1840-1889)*. Vol. I. Recife: Diário de Pernambuco, 1975, p. 50-57.

*usança, uma prática, uma coisa onde se possa dizer: isto é próprio do Brasil.*<sup>28</sup>

Aproveitemos essa deixa e como um dos *habitués* do baile oferecido pelo personagem Totônio Sales no romance oitocentista *Os Azevedos do Poço*, de Mário Sette. Imaginemo-nos sentados ao lado de duas senhoras para ouvi-las a respeito da intimidade proporcionada pela modernidade:

*– Isso vai num progresso. Onde já se viu, no meu tempo, uma mocinha de braço com um rapaz, passeando, conversando, talvez inconveniências, rindo-se um para o outro nas barbas dos mais velhos!*

*– Um escândalo!... Antigamente uma donzela só ficava sozinha com o rapaz na noite do casamento. Antes, nem por sonhos. Agora, é ‘soarê’, é teatro, é banquete, tudo misturado. Os namorados juntos; as casadas umas com os maridos das outras; as viúvas, até as viúvas se derretem, D. Porcina! Não está vendo D. Amalinha, de luto aliviado, toda caída pelo capitão Bianor?... Viúva no nosso tempo tirava mais o vestido preto e o chorão?.*<sup>29</sup>

E por mais que se tentasse resguardar a “santidade do lar” protegendo-o de olhos curiosos o que se passava nas alcovas e outros cômodos, às vezes, a casa se transformava em palco de espetáculo público, como comenta Mauro Motta:

*(...) o ataque histérico que se rebentava nas casas, às vezes em série, quando alguém adoecia “gravemente” ou morria gente da família – a saída do enterro a casa só faltava vir abaixo, o que constituía forma de prestigiar o morto – quando se rompiam os noivados, quando havia briga mais violenta entre marido e mulher, ou entre pai e filha. Então havia um desadorno no quarteirão, na rua toda.*

*Percebia-se o tamanho dessas tragédias ou comédias domésticas pelos gritos que as anunciavam, convocando curiosos para as janelas, a vizinhança e parentes para socorrer a histérica em geral contorcendo-se no sofá da sala-de-visita, local mais correto par ao exibicionismo.*<sup>30</sup>

Percebemos que a modernização da cidade acabou por influenciar a novos costumes, não só no espaço público como também e na esfera privada e mesmo tendo força em alguns campos, não foi imune às críticas. A busca pela inclusão no novo contexto social ocorreu de variadas formas e não só no sentido de mera imitação. Pois, são múltiplos os olhares opiniões, conceitos e preconceitos sobre seus espaços e os usuários desses espaços. Assim são definidos valores relacionados ao que deve ser conservado e preservado e o que pode e até deve ser destruído em nome do progresso<sup>31</sup>.

<sup>28</sup> Apud MELLO, O *Diário de Pernambuco*, p. 54.

<sup>29</sup> SETTE, Mário. *Os Azevedos do Poço*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978, p. 313-314.

<sup>30</sup> MOTA, Mauro. *Modas e modos*. Recife: Ed. Raiz, 1977, p. 106-107 (grifo meu).

<sup>31</sup> ALMEIDA, Maria das Graças de Andrade Ataíde de & LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima

É por esse motivo que discordamos do Padre Lopes Gama e sua opinião sobre a disposição de “*macaquear*” os europeus. Enxergamos para além da simples mimetização onde a adoção dos costumes estrangeiros levou uma reinterpretação dos desejos, um reflexo captado através de outros olhos onde os anseios que moveram essas pessoas eram múltiplos, seus parâmetros e referenciais, díspares. De forma bilateral, surgiram adaptações dando um novo sentido à palavra modernização e com isso os hábitos passaram a repercutir num ajustamento de teor local, transmutando palavras, gestos, atitudes, etc., criando de fato um novo mundo que não era nem a França e nem o Brasil, era o Recife.



### RESUMO

Influenciada pelas ideias de modernidade originada em cidades cosmopolitas europeias do século XIX, assim como pelas mudanças implantadas na sociedade urbana do Rio de Janeiro desde a chegada da Família Real, as elites recifenses buscaram ao longo dos oitocentos, promover modificações tanto na estrutura urbana como social e cultural visando equiparar a aos exemplos acima descritos. Essa tentativa desencadeou um gosto pelo refinamento dos costumes, tendo como principal inspiração Paris. Partindo dessa premissa, observamos no cotidiano citadino como esse processo de “modernização” se deu, conduzimos nossa investigação histórica através das idéias de Richard Sennett, entre outros, procurando perceber como a experiência de incorporação dos costumes “civilizados” europeus levou a uma hibridização cultural. Para isso, utilizamos como fonte de nossa pesquisa os romances, as crônicas do e sobre o período em que nos debruçamos, bem como algumas notícias estampadas nos jornais da época.

**Palavras Chave:** Costumes; Recife; Século XIX.

### ABSTRACT

Influenced by the ideas of modernity originated in European cosmopolitan cities of the nineteenth century, as well as the changes implemented in the urban society of Rio de Janeiro since the arrival of the Royal Family, Recife elites sought over the eight hundred, promote changes in both the urban structure and social and cultural order to equate it to the examples described above. This attempt unleashed a taste for refinement of manners, the main inspiration Paris. From this premise, we observe in everyday city how this process of ‘modernization’ took place, we conducted our historical research through the ideas of Richard Sennett, among others, seeking to understand how to incorporate the experience of customs “civilized” Europeans led to a cultural hybridization. We utilize our research as a source of the novels, and on the chronicles of the period in which we concentrate, as well as some stories printed in newspapers.

**Keywords:** Custom; Recife; 19<sup>th</sup> Century.

---

Andrade. *História (nem sempre) bem-humorada de Pernambuco* (140 caricaturas do século XIX). Recife: Bagaço, 1999, p. 98.